

Como citar este artigo: MEDITSCH, Eduardo. Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 06, n. 01, pp. 217-231, jan./jun. 2015.

Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia¹

Eduardo Meditsch²

Resumo

Este texto é uma reprodução da fala realizada durante o evento inaugural do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP, em 2015. Nele, a discussão sobre o tempo se organiza a partir de três eixos que dialogam com a trajetória do autor: o rádio, o jornalismo e a academia. Coordenando conceitos com suas vivências, o autor levanta questionamentos sobre o passado, o presente e o futuro do jornalismo, do rádio e da Área Acadêmica da Comunicação, e sugere que a origem interiorana não limite a pretensão científica do Mestrado que nasce na instituição.

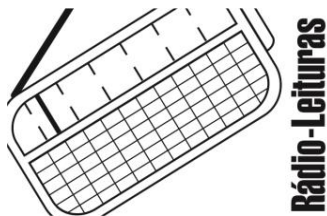
Palavras-chave: Tempo; Rádio; Jornalismo; Ciência da Comunicação; Área Acadêmica.

217

Eu queria agradecer a oportunidade de estar aqui. Estou muito feliz de compartilhar com vocês este momento. Confesso a vocês que este tema que vocês escolheram como área de concentração [do Programa de Pós-Graduação em

¹ O presente texto é transcrição da apresentação feita na mesa redonda “Comunicação e Tempo Social” no Evento de Abertura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto no dia 14 de abril de 2015. Foram mantidas, assim, as marcas orais que demarcavam a fala do autor. [Nota dos editores]

² Realizou estágio sênior de pós-doutorado na University of Texas at Austin (2010/2011) com bolsa da Capes. Possui doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa (1997), mestrado em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1990) e graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1979). É professor da Universidade Federal de Santa Catarina (desde 1982), onde atua na Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo, e pesquisador do CNPq desde o ano 2000. Colidera, na UFSC, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Cultura e Sociedade (com Daisi Vogel) e também o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFÁ, com Valci Zuculoto). Email: emeditsch@uol.com.br



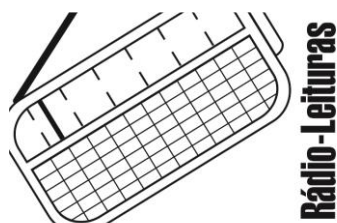
Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

Comunicação da UFOP] me fascina, embora eu tivesse feito uma torcida imensa para que saísse uma área de concentração em Jornalismo, e não saiu. Mas confesso que como segunda escolha foi muito bom.

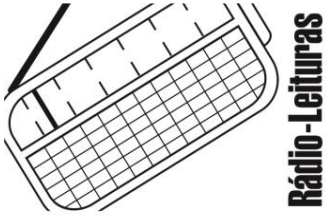
Há anos tenho colecionado livros sobre o tempo, que eu não consegui ler ainda por falta de tempo. Mas tem lá uma prateleira de livros cheia sobre o tempo que um dia, quando tiver tempo, vou ler para poder estudar este assunto como eu não consegui até agora. Porque este é um assunto realmente muito complexo, mas muito fascinante.

Para falar deste fascínio – infelizmente hoje a nossa rádio Plural não está com arquivo musical disponível – mas eu vou citar duas músicas que falam do tempo e que nos encaminham uma discussão sobre isso. Eu não vou cantar aqui porque sou muito desafinado, mas vou ler alguns versos do Caetano Veloso e do Gilberto Gil primeiro, de uma música chamada Tempo Rei, em que ele diz: “Não me iludo / tudo permanecerá do jeito que tem sido / transcorrendo, transformando / tempo espaço / navegando em todos os sentidos”. Esta música – fiquei sabendo quando fui procurá-la para trazê-la aqui – foi feita em resposta a uma outra música do Caetano Veloso. E o Caetano Veloso, em uma terceira música, dizia: “Se você tem uma ideia incrível / é melhor fazer uma canção / porque está provado / que só é possível filosofar em alemão”. O Caetano Veloso filosofa através das suas músicas. Na música que chama Oração ao Tempo, ele vai dizer: “Compositor de destinos / tambor de todos os ritmos / tempo, tempo, tempo, tempo”. E no final ele diz assim: “E quando eu tiver saído / para fora do teu círculo/ tempo, tempo, tempo, tempo / não serei, nem terei sido”. O Gilberto Gil ficou um pouco indignado com isso: “o Caetano está muito niilista. Então, quando a gente morre, morre o tempo, acaba o mundo?”. E o Gil vai dizer: “Não. Ele está seguindo um existencialismo que na verdade já é um individualismo. E eu, como sou mais cristão e tenho esperança, vou falar que o tempo continua depois que a gente morre. E então ele faz este verso: “Tudo permanecerá / do jeito que tem sido / transcorrendo, transformando / tempo espaço / navegando em todos os sentidos”.



A discussão sobre o tempo é maravilhosa. No campo filosófico, ela começa com os gregos, que o Márcio [Souza Gonçalves] citou aqui. Santo Agostinho, na Idade Média, vai dizer: “O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei. Mas se alguém me perguntar, eu não sei”. Na verdade o tempo é uma coisa tão complexa que é difícil de definir e vai dar muito trabalho para o pessoal da área de concentração trabalhar com isso na Comunicação por causa das múltiplas concepções físicas, filosóficas e poéticas que existem sobre o tempo. Porque a Filosofia, a Ciência e a Arte são diferentes modos de conhecimento que conseguem abordar a realidade de diferentes ângulos. E o Jornalismo seria mais um. Mas o Jornalismo é marcado pelo tempo de outra forma e não fala muito sobre o tempo – a não ser atualmente na previsão do tempo que a gente faz no rádio e na TV.

Eu não vim aqui para atualizá-los muito. Até porque duas das pessoas que me atualizam atualmente estão aqui, a Nair [Prata] e a Debora [Lopez]. Acho que não tenho muito a atualizar vocês. Mas como sou uma pessoa já bastante vivida, normalmente os velhos têm mais tempo para trás do que para frente. Então vim falar um pouco desta minha experiência, e nesta experiência de tempo, dividi os meus minutos disponíveis em três tempos. Acho que a gente vive – e a Debora, a Jan [Alyne Barbosa] e a Nair podem explicar melhor isso pra vocês – realmente um período fantástico de emergência de uma coisa nova (ontem a Christa [Berger] também falou disso, o Márcio [Souza Gonçalves] também se referiu). Uma coisa que para as pessoas da nossa geração está difícil de entender. Uma coisa que por um lado é fascinante como uma oportunidade – eu sempre digo para os meus alunos lá em Santa Catarina que eu gostaria de estar vivendo este momento pelas oportunidades que abre em termos profissionais, apesar de todo o terror que também causa por vermos um modelo de mídia, um modelo de negócio naufragando rapidamente. Obviamente isso causa preocupação, mas é também um momento de grande oportunidade. Então eu acho que é um momento de esperança e medo pela minha dificuldade de entender este momento. Eu prefiro observar e dizer que daqui a pouco eu vou entender, porque

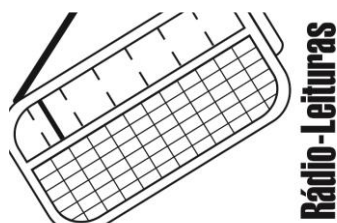


Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

nós estamos no olho do furacão e daqui não temos muita visibilidade do processo todo.

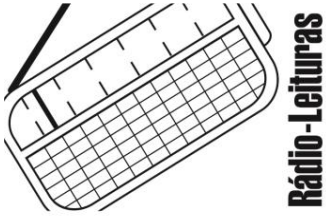
Eu tenho dito também, talvez de uma maneira um pouco pretensiosa, que a gente está na pré-história de alguma coisa que está emergindo. É muito difícil a gente projetar o que virá a partir do que está aí. O que virá é diferente do que está aí. Esta mudança se dá de uma maneira muito acelerada e eu vejo muito da posição de um profissional de jornalismo, de um profissional de rádio e de um professor destas matérias como, por exemplo, as técnicas de edição nos aparelhos – seja nos móveis, seja nos computadores – estão pouco desenvolvidas, como estão atrasadas. E por que estão atrasadas? Por que não se estabeleceu ainda uma maneira racional de editar os conteúdos das mais diversas linguagens na internet? Por que não se chegou lá? Vai-se chegar. Estamos atrasados, mas vai-se chegar e vai mudar muito. A internet, tenho certeza, daqui a 5 ou dez anos vai ser uma coisa completamente diferente do que está aí. E no caso do Jornalismo mais ainda, porque acho que nós temos uma particularidade na maneira como o Jornalismo foi para a internet, que foi a transposição do jornal impresso para a internet. E nós temos um *gap*, um fosso de conhecimento das pessoas que controlam o Jornalismo na internet a respeito de um século de experiência eletrônica do rádio e da TV. Então, de repente se fala em tempo real, que isso é uma novidade no jornalismo, na profissão. Mas é uma novidade? Há um século o rádio foi inventado no tempo real. O rádio é tempo real. Então que novidade tem o tempo real? Mobilidade? Há um século, o rádio nasceu móvel. Embora os receptores de rádio fossem enormes, funcionavam a bateria. Tem um livro fantástico chamado *O rádio portátil na vida americana* que mostra o rádio sendo levado nas costas de burro para as pessoas ouvirem em um piquenique. Ou o rádio sendo levado de carroça para a guerra, porque as pessoas precisavam acompanhar as notícias para saber se as batalhas deveriam continuar ou não. O rádio é móvel, desde seu início, tanto na produção quanto na recepção. E agora a mobilidade é a grande novidade do século XXI. Então alguma coisa está errada na maneira como o uso das



nossas mídias evolui. De certa maneira isso tem a ver, acho eu, com o desenvolvimento da nossa área acadêmica, que não tem cumprido o papel de fornecer este conhecimento acumulado que tem, para que as coisas evoluam de uma maneira mais racional.

Falando do tempo no rádio, outra questão pela qual eu me fascino muito, e eu cito uma ideia de Einstein, que eu nem sei se é muito exata porque eu não entendo nada de Física, mas que eu encontrei em um livro de teoria musical quando estava estudando linguagem do rádio para a minha tese. O autor do livro, um alemão chamado Winckel, falava justamente de como a linguagem musical transcorre linearmente. E a linguagem do rádio também. E ele dizia que o Einstein, na sua concepção de espaço-tempo, dizia que o espaço tem três dimensões e o tempo é a quarta dimensão. E este teórico da música dizia: só que a quarta dimensão a gente não enxerga. E por que a gente não enxerga a quarta dimensão? Porque a quarta dimensão é o nosso ponto de vista, é onde nós estamos. Nós estamos no tempo e a partir do tempo a gente enxerga o espaço. E uma característica da linguagem musical - e da linguagem do rádio - é que se estruturam da mesma maneira sobre o tempo, e unicamente sobre o tempo, por essa especificidade da linguagem do rádio, já que a espacialidade é uma coisa absolutamente secundária em termos de rádio. E o que tem de fascinante é que a mensagem de rádio – e a mensagem musical do mesmo jeito – se criam na mesma linha do tempo em que cria a nossa consciência. E por isso a música nos surpreende tanto, nos emociona tanto, nos encanta tanto e o rádio igualmente. A musicalidade nos surpreende... [...] Eu fiquei agora três segundos quieto e o espaço desapareceu completamente. Eu volto a falar e minha voz volta a preencher o espaço. São características da linguagem musical e da linguagem do rádio que estão amarradas à questão do tempo e se expressam através desta linearidade do tempo e que tornam tanto a música quanto o rádio tão mágicos.

Não tenho tempo para falar muito mais disso, mas outra questão relacionada ao tempo do rádio é que normalmente a gente pensa no tempo do rádio como um

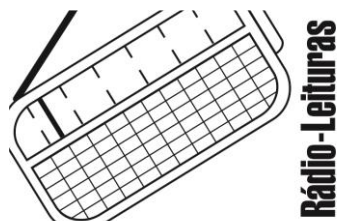


Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

tempo passado. A era de ouro do rádio, quando ele teve realmente muito mais recursos econômicos e teve a participação de muitos intelectuais brilhantes produzindo para o meio, que fizeram coisas maravilhosas e que, com o surgimento da TV, o rádio perde tanto recursos quanto parte de seus profissionais, os mais brilhantes, que são levados para a nova mídia. O rádio então passa por um processo de involução, de certa maneira, que depois vai fazer com que a partir desta crise ele se reinvente, adote outros caminhos, mas que de certa forma nos deixa saudades de um tempo em que o rádio foi muito mais sofisticado em termos de produção. Mas também, neste caso, eu acho que a gente acaba mitificando uma questão e não pensando, não só no presente do rádio – que por incrível que pareça, se vocês pegarem dados estatísticos internacionais vão chegar, mesmo com a juventude de hoje ouvindo menos rádio, a que a audiência somada do rádio, em geral, no mundo todo, é maior que a audiência somada da TV durante 18 horas por dia. O rádio só perde para a TV das seis da tarde à meia-noite. Depois disso, e até às seis da tarde do dia seguinte, o rádio tem mais audiência somada que a TV. Então, o rádio ainda está vivo, está respirando.

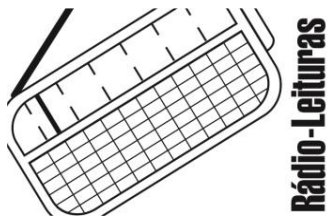
E o importante é a gente pensar que esta capacidade de expressão inventada pelo rádio vai ressurgir. Provavelmente não vai ressurgir no rádio tradicional, não vai ressurgir neste modelo de negócio do rádio, que está afundando, que é um modelo de negócio baseado na escassez de banda, baseado em “cobrar pedágio” daquelas poucas frequências disponíveis, e que por isso vai acabar como as balsas acabam quando se constroem as pontes. Mas vai ressurgir onde? Vai ressurgir na internet. Quando? Muito em breve. Por que? Porque o número de acidentes de carro com as pessoas olhando para a tela vai se tornar pavoroso e vai obrigar as legislações a apagar as telas de dentro dos carros. E neste momento, a internet vai ter que aprender a falar e vai ter que recuperar a linguagem do áudio. Esta vai ser a grande discussão da internet daqui a cinco ou dez anos por causa disso. Como usar o áudio? Como é que nós vamos traduzir os sites em áudio? Como se expressar só através do áudio sem o visível, sem tela? É o mesmo desafio que o rádio sempre enfrentou. Então quando a gente pensa



no tempo do rádio, no tempo do áudio, a gente tem que pensar não só no passado, mas também no tempo presente e no futuro.

E o tempo no jornalismo? O jornalismo é um modo de expressão, um produto cultural, caracterizado por sua relação com o tempo. O Otto Groth, quando define o jornalismo a partir de quatro características, duas delas – atualidade e periodicidade – têm a ver com o tempo. Periodicidade que tende à simultaneidade, diz o Otto Groth no seu livro principal, *O poder cultural desconhecido*. Além de ele estar caracterizado por esta produção cultural amarrada ao tempo, também o tempo define o que ele pode fazer. O jornalismo está amarrado pela ideia do *deadline*, está sempre trabalhando sob o *deadline*. Existem vários estudos sobre isso, como o da Sylvia Moretzsohn, que mostra os problemas que isso acarreta em termos de produção. Mas não se pode imaginar um jornalismo sem *deadline*. Um jornalismo sem *deadline* não é mais jornalismo, é literatura de não-ficção, como fazia o Novo Jornalismo americano. Fazia uma literatura de não-ficção, mas não necessariamente um jornalismo. Jornalismo, pela própria palavra, que vem de jornada, de *giorno*, de dia, é a informação sobre o dia, sobre o tempo presente, definida por uma periodicidade ou por uma simultaneidade.

Claro que isso acabou sendo corrompido pelo mal uso do jornalismo, por objetivos que não são os de dar ou de construir a melhor informação, mas de ganhar dinheiro com isso. E claro que o jornalismo poderia ter sido outra coisa se tivesse sido controlado ou dirigido de outra maneira, e pode vir a se tornar outra coisa justamente porque quem o controla, e a forma como o controla, estão afundando junto com este modelo de negócio. Então estão abertas possibilidades para a reinvenção do jornalismo, para o surgimento de produtoras independentes, para o surgimento de jornalismo especializado, para o surgimento de mil oportunidades que estão abertas para o jornalismo e que podem torná-lo diferente. Embora não vá deixar de trabalhar com *deadline*, vai fazer uma coisa mais bem feita. Assim como o rádio poderia ser bem diferente e não o é por basicamente os mesmos motivos, o que faz com que a gente

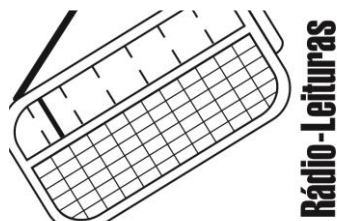


Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

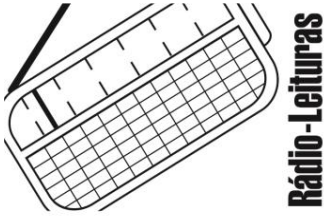
Eduardo Meditsch

tenha um rádio tão subutilizado no Brasil, um rádio tão pobre, quando poderia ser uma mídia com uma função primordial – cultural, educativa, informativa – para a população brasileira e que não tem sido.

Bom, já falei do tempo no rádio e no jornalismo, então vou falar um pouco do tempo na área acadêmica. Eu tenho 40 anos de área acadêmica em comunicação, desde que eu entrei no vestibular em 1975 lá na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nestes 40 anos de convivência com a área eu sempre fui uma pessoa meio rebelde, inquieta, sempre fui muito questionador da própria área – até pela experiência de profissional, por sentir que algumas coisas não fechavam bem. Uma das coisas que sempre me chamou a atenção na área, principalmente quando eu passei a estudá-la como objeto de estudo – e a minha pesquisa atual é sobre a história da área acadêmica –, é de quantas correntes teóricas diferentes nós tivemos ao longo destas décadas. Praticamente uma por década, em que uma não substituía a outra por uma questão de debate com ela, mas de abandono. Quando me formei na graduação, nós tínhamos uma compreensão baseada no funcionalismo norteamericano, que era absolutamente dominante, e essa concepção foi abandonada. Na década seguinte, quando eu fiz o mestrado, toda a área falava a linguagem marxista, inclusive gente muito burguesa dentro da área, o que era muito surpreendente. Mas falavam uma linguagem absolutamente marxista. E depois, na década de 1990, esta concepção marxista foi praticamente abandonada, primeiro pela psicanálise e depois pelos estudos culturais, pelos estudos pós-modernos, e assim nós não acumulamos muita coisa. Essa é uma questão que me chama a atenção. Nós não acumulamos, nós descartamos. Descartamos o passado e reinventamos tudo. E quando se diz que é a teoria que deve guiar a prática e que a teoria deve dar o norte desta prática, eu me pergunto se não foi a prática a única coisa que resistiu nestes 40 anos, a única coisa que deu identidade à área nestes 40 anos, porque o resto foi sendo trocado, jogado fora, sendo substituído.



O Márcio [Souza Gonçalves] falava agora das teorias específicas. Eu sempre fui um defensor das teorias específicas e tenho trabalhado em teorias do jornalismo e em teorias do rádio – são as duas áreas em que eu atuo. Isso por sentir necessidade: primeiro, que esta teoria esteja mais próxima desta prática, que é o que dá identidade para a área; e segundo, que a própria área seja construída de baixo pra cima e não de cima pra baixo. De baixo pra cima através do encontro dessas teorias, do encontro dessas questões específicas pelo que elas têm de comum, e obviamente elas têm muitas coisas em comum. Mas estas coisas em comum têm que ser construídas de baixo pra cima. Porque a tentativa de construir de cima pra baixo, que surgiu na nossa área – e eu estou estudando a história da área desde o surgimento das primeiras escolas de Jornalismo nos Estados Unidos e na Europa no início do século passado –, esta concepção de cima pra baixo, surgiu por motivos políticos e não por motivos científicos, pelo que aconteceu principalmente durante a II Guerra Mundial e depois, durante a Guerra Fria, no caso nosso, na América Latina. Na II Guerra Mundial houve o surgimento de um conceito de guerra, um conceito militar, chamado guerra psicológica. Este conceito foi gestado pelo Hitler, por sua política de comunicação que conseguiu enlouquecer toda a Alemanha, levar toda a Alemanha para o precipício, jogando muito mais gente junto com ela, obviamente, e que começou a ser estudada pelos Estados Unidos para poder enfrentar esta política. E o que os Estados Unidos fez não foi uma contra-política, mas foi a adoção da mesma política. Criou-se um escritório ligado ao Departamento de Estado Americano, que levou intelectuais de várias áreas, com uma proposta multidisciplinar de entender o que estava sendo feito na Alemanha para fazer a mesma coisa, para mobilizar a população americana para a guerra, num primeiro momento. Este instituto, chamado inicialmente de Escritório de Fatos e Números, tinha por objetivo capacitar os Estados Unidos para o que eles chamavam de guerra psicológica e essa guerra psicológica vai ser tocada adiante quando acaba a II Guerra, quando os Estados Unidos então enfrentam a Rússia na Guerra Fria. E neste enfrentamento com a Rússia – os russos vão chamar de guerra ideológica e os americanos de guerra psicológica –, basicamente os dois vão usar as mesmas matrizes



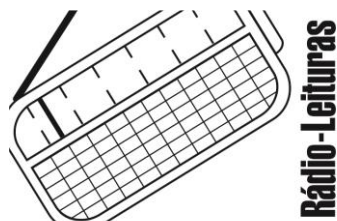
Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

de manipular a opinião pública para atingir os seus objetivos políticos. E nesse processo o ensino de Jornalismo dançou. Neste processo as faculdades de Jornalismo foram tomadas pelos institutos criados por esse grupo de intelectuais liderados, nos Estados Unidos, pelo Wilbur Schramm, que era o grande mentor do serviço de guerra psicológica do governo norteamericano. Existem alguns livros que contam essa história, mas estes livros registram que uma grande parte dessa história não pode ser ainda contada, porque continua secreta. Nos Estados Unidos, o governo americano não liberou ainda todos os arquivos sobre a guerra psicológica desde a II Guerra Mundial.

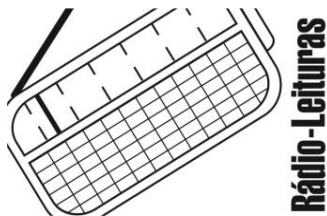
Mas fica muito claro, acompanhando a história da área acadêmica de Comunicação, que teve seus primeiros institutos, grupos de pesquisa e doutorados criados nos Estados Unidos pelo Wilbur Schramm, que ele vai ter imediatamente um forte protagonismo internacional a partir da Unesco, a partir da IAMCR. Ele e seus liderados, um grupo de pessoas, começam não só nos Estados Unidos, a partir das pessoas tituladas nos seus doutorados em Comunicação, a ocupar espaços nas escolas de Jornalismo e a mudar os objetivos das escolas de Jornalismo, que não mais tinham o objetivo de formar aquele jornalista que, dentro da teoria política norteamericana, era um jornalista formado para o desenvolvimento da democracia, para dar informação ao povo, para que a população pudesse atuar conscientemente na democracia. Este objetivo é trocado pelo de manipular a população, controlar socialmente tanto a população norteamericana, quanto dos países em que os Estados Unidos tinham interesses estratégicos durante a Guerra Fria.

Esse processo, a partir da Unesco e da IAMCR, é espalhado pelo mundo e chega ao Brasil através do Ciespal, que se instaura no Equador em 1959. Em 1964/65, ao mesmo tempo em que acontece um golpe de Estado aqui, acontece um outro no Equador, com os mesmos objetivos, com as mesmas pessoas por trás, os mesmos interesses geopolíticos por trás. E então acontece em 1965 um seminário do Ciespal no Rio de Janeiro em que claramente se diz, e pra mim foi chocante ler os documentos da



época, com as pessoas se manifestando, ler o professor Luiz Beltrão com um discurso absolutamente autoritário, parecido com os que a gente vê hoje nas manifestações de rua, pedindo intervenção nos cursos de Jornalismo, pedindo que os cursos de Jornalismo fossem transformados em instrumentos de guerra psicológica contra o comunismo e a favor da justificação do governo militar. E portanto não foi à toa que os cursos de Jornalismo perderam a identidade e depois vão vir os currículos mínimos de Comunicação que vão impor isso.

Eu estava falando em 40 anos, mas na verdade eu tenho uma experiência familiar maior com a universidade, porque meu pai foi professor universitário no Rio Grande do Sul e em Brasília. E em 1965 eu era criança, a gente morava em Brasília, meu pai foi trabalhar lá dentro de um momento inaugural tão rico – talvez mais – do que a gente vê vocês vivendo aqui, aquele entusiasmo com o projeto, e que era o projeto de dois grandes intelectuais brasileiros: um deles mineiro, Darcy Ribeiro, o outro baiano, Anísio Teixeira, que pensaram em fazer em Brasília uma universidade que fosse capaz de guiar um projeto emancipador para o Brasil. Uma universidade muito ambiciosa, que conseguiu levar, entusiasmar grandes intelectuais brasileiros, grandes cientistas brasileiros a irem para lá e que, em 1964, sofre um primeiro golpe com o afastamento do Anísio [Teixeira], que era o reitor da universidade. O Darcy Ribeiro, que então era ministro de Jango, também teve que ir para o exílio, mas ainda por um ano se tentou manter o projeto e meu pai ficou lá por causa disso até que os militares começaram a demitir professores. Entre os professores demitidos estava o Pompeu de Souza, jornalista cearense que fez sua carreira toda no Rio de Janeiro, depois se tornou político no final da ditadura e que criou, em Brasília, a primeira faculdade de Comunicação no Brasil, dentro desse projeto do Darcy Ribeiro. Faculdade essa que pensava uma Comunicação de baixo para cima, pensava uma Comunicação com toda a sua diversidade a partir de uma escola de Jornalismo, uma escola de Publicidade e uma escola de Cinema e que vai ser substituído pelo Luiz Beltrão, nomeado pela ditadura diretor da faculdade, para fazer uma escola de Comunicação de cima pra baixo, que a primeira coisa que faz é tirar o Jornalismo como curso.

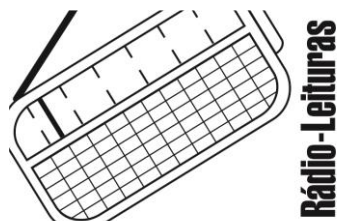


Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

Acho importante registrar aqui a importância dos momentos inaugurais. Eu tive o privilégio de viver vários momentos inaugurais, então fico muito feliz de estar aqui com vocês e de ver o entusiasmo de vocês com este momento. Eu não estava lá na fundação, mas entrei no curso de Jornalismo da UFSC, na graduação, quando ainda estava formando sua primeira turma. E foi um momento de muito entusiasmo e ao mesmo tempo de uma visão muito grande de uma pessoa que liderava o projeto naquele momento, que se chamava Daniel Herz. Não sei se vocês ouviram falar, ele escreveu um livro chamado *A História Secreta da Rede Globo* e foi um grande militante pela questão da democratização da Comunicação no país. Inclusive lançou a Frente Nacional de Luta pela Democratização em um evento realizado lá em Floripa. O Daniel, nos documentos iniciais do curso, dizia: “Nós não estamos aqui para fundar mais um curso. Nós estamos aqui para fundar uma escola”. Era uma coisa extremamente pretensiosa da nossa parte, até porque todos nós tínhamos menos de 30 anos. Mas nós queríamos isso. Nós tínhamos passado todos pelo curso de Comunicação durante a ditadura, éramos muito críticos em relação aos cursos que nós tínhamos feito e queríamos fazer algo diferente. E nós colocamos isso como projeto. E esse projeto, de certa maneira, guia nosso curso até hoje. Por isso, o que a gente viu e nos emocionou ontem aqui [na abertura oficial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP] me lembra aquele momento, porque lembra também que este momento é muito importante. A Christa [Berger] disse que seria importante para vocês, e é importante não só para vocês, pelo que vocês vão ser. E vocês vão ser importantes para muito mais gente. Vocês vão ser importantes para o Brasil.

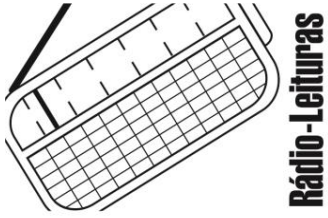
Depois, eu participei também da fundação do Mestrado [em Jornalismo da UFSC], lá como coordenador. Agora com o Doutorado, não mais como coordenador. Mas nós sempre tivemos esta pretensão de fazer uma escola de pensamento. E esta escola de pensamento se concretizou com a presença do Adelmo [Genro Filho], que foi levado para lá por nós, do Nilson Lage que a gente puxou para lá também, convenceu os dois a irem fazer concurso. E o que caracterizaria esta escola? Uma escola que



procura valorizar a Teoria do Jornalismo como uma teoria específica, tanto na graduação quanto depois no Mestrado e no Doutorado, e acho que isso continua a ser nossa meta, muito influenciada por esta pretensão de fazer escola. Santa Catarina é um estado pequeno e de certa maneira o curso da UFSC também era um curso de interior quando surgiu.

Por isso eu digo – e vou usar uma expressão bem gaúcha – “não se michem” por estarem no interior. Pensem grande. Grandes escolas nasceram no interior de vários países. Pensem grande porque o que vocês pensarem é que vai levar vocês lá. Temos alguns exemplos em Portugal. A última vez que conversei em uma mesa de bar com [António] Fidalgo, dizia: “Poxa, Fidalgo, tu e mais um grupo de muito pouca gente, em um lugar no meio das montanhas³, por uma visão que vocês tiveram, fizeram um impacto internacional. Criaram a BOCC [Biblioteca Online de Ciências da Comunicação], criaram um laboratório de pesquisa em novas mídias [LabCom – Laboratory of Online Communication] fantástico e é uma referência para todos de língua portuguesa”. Eu acho que coisas assim podem acontecer. Outro exemplo é a Universidade do Minho, que também não era de Lisboa, não era do Porto e fez um centro de pesquisas que hoje é o melhor de Portugal [CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade]. Então, “não se michem” por estarem no interior. O interior apresenta algumas dificuldades, mas também algumas vantagens. E acho que vocês têm não só uma capacidade instalada de altíssimo nível, os colegas que estão aqui, como têm um momento excepcional. Um momento de motivação, de união, de apoio da instituição e tenho certeza que vocês vão fazer a diferença, não só na vida de vocês, mas na vida da Comunicação do Brasil.

³ António Fidalgo é professor de Comunicação e reitor da Universidade da Beira Interior, na Serra da Estrela, em Portugal. [Nota dos editores]



Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia

Eduardo Meditsch

Referências

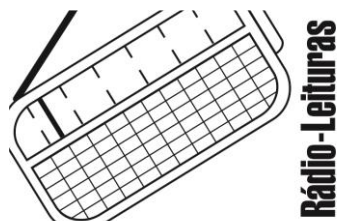
HERZ, Daniel. **A História Secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tchê Editora Ltda, 1983.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos jornais. Trad. Liriam Sponholz. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

SCHIFFER, Michael. **The Portable Radio in American Life**. Tucson: University of Arizona Press, 1991.

WINCKEL, Fritz. **Music, sound and sensation**. New York: Dover, 1960.



Abstract

This text is a reproduction of the speak held during the inaugural event of the Graduate Program in Communication of the Federal University of Ouro Preto, in 2015. In it, the discussion over time is organized in three main areas that dialogue with the trajectory of the author: radio , journalism and academia. Coordinating concepts with their experiences, the author raises questions about the past, present and the future of journalism, radio and Communication Academic Field, and suggests that the provincial origin does not limit the scientific pretensions of the Master born in the institution.

Keywords: Time; Radio; Journalism; Communication Science; Academic Field

Resumen

Este texto es una reproducción de la habla celebrada durante el evento inaugural del Programa de Postgrado en Comunicación de UFOP en 2015. En él, la discusión acerca del tiempo se organiza en tres áreas principales que dialogan con la trayectoria del autor: la radio , el periodismo y la academia. Al coordinar conceptos con sus experiencias, el autor plantea cuestiones sobre el pasado, el presente y el futuro del periodismo, del radio y de la Área Académica de Comunicación, y sugiere que el origen provincial no limite las pretensiones científicas del Máster nacido en la institución.

Palabras Clave: Tiempo; Radio; Periodismo; Ciencia de la Comunicación; Área Académica.